

A memória humorística da ditadura militar brasileira na imprensa paraibana¹

La memoria humorística de la dictadura militar brasileña en la prensa de paraíba

Rosildo Raimundo de BRITO²

Resumo

Este estudo apresenta uma análise sobre a contribuição do humor gráfico na construção e preservação da memória humorística da ditadura militar no Brasil (1964-1985), no contexto da imprensa paraibana. Para tanto, foram analisadas algumas charges e tiras de humor publicadas em alguns dos principais jornais diários de circulação no Estado na década de 1970, sob o método de análise histórica. O trabalho faz parte dos estudos realizados pelo autor no campo da pesquisa de pós graduação, com o objetivo de aprofundar a compreensão em torno da contribuição do humor gráfico na luta de resistência cultural contra o regime militar de 1964.

Palavras-chave: Humor gráfico. Ditadura militar. Memória. Resistência. Imprensa paraibana.

Resumen

Este estudio analiza la contribución del humor gráfico a la construcción y preservación de la memoria humorística de la dictadura militar brasileña (1964-1985) en el contexto de la prensa del estado de Paraíba. Para ello, se analizaron caricaturas políticas e historietas publicadas en algunos de los principales diarios del estado durante la década de 1970, empleando un método de análisis histórico. Este trabajo forma parte de la investigación de posgrado del autor, orientada a profundizar en la comprensión del aporte del humor gráfico a la resistencia cultural frente al régimen militar de 1964.

Palabras clave: Humor gráfico. Dictadura militar. Resistência. Memória. Prensa de Paraíba.

¹ Trabalho resultante do resumo expandido apresentado nos GT Quadrinhos, Design e Narrativas Gráficas e no GT Design de Informação e Infografia no Jornalismo, do XXVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Intercom Nordeste, realizado em julho de 2026 em Caruaru, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

² Doutor pelo programa de Pós-Graduação de História Social da USP. Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).
E-mail: rosildo.raimundo@professor.ufcg.edu.br

Introdução

Respalado no caráter profundamente signico, social e também político que a linguagem do humor sempre se fez portadora, o trabalho desenvolvido pelos cartunistas brasileiros no âmbito do humor gráfico e publicado na imprensa se apresenta, ao longo da história, sem sombra de dúvidas, como um dos mais significativos registros da memória histórica da ditadura militar vivida no Brasil no período de 1964 a 1985. A larga produção humorística destes que fizeram da arte gráfica, uma das mais afiadas armas de resistência contra o regime ditatorial que assolou o país por 21 anos, ajudou a enaltecer o potencial testemunhal dos desenhos de humor enquanto artefatos culturais catalisadores dos valores, conflitos e tensões que caracterizaram a ditadura.

Dentro deste prisma, fica patente a valiosa contribuição ofertada pela produção visual/gráfica materializada nos mais diversos tipos de desenhos de que a caricatura, enquanto campo que abarca os mais diversos gêneros de desenhos humorísticos se faz portadora e, dentre os quais, a charge e os quadrinhos ocupam um espaço de destaque. Foi especialmente por meio destes que os cartunistas deixaram registrados nos anais da história da imprensa brasileira e regional, os traços dos principais efeitos nocivos e destrutivos resultantes da ditadura não apenas na qualidade de uma política institucional, mas, sobretudo, enquanto uma experiência social (Silva, 2009).

O amplo acervo da produção satírico-humorística espalhados pelos mais diversos periódicos que constituem a imprensa brasileira apontam para o potencial documental e testemunhal de que as narrativas visuais se fazem valiosos instrumentos dentro do dinâmico processo de construção da memória social do país. Esta, por sua vez, conforme destacam vários autores do campo da História, dentre eles, LE Goff (1990), é moldada por fatores variados, dentre os quais, a linguagem ocupa um espaço muito importante. Nesse sentido, a polissêmica e metafórica linguagem do humor de que se valem os cartunistas ao utilizarem-se de códigos culturais compartilhados para subverter a ordem estabelecida, oferece uma valiosa contribuição para a memória social, ao registrar problemas e traumas coletivos e manter vivas lembranças históricas que a narrativa oficial muitas vezes tenta apagar.

Focado nessa perspectiva, este artigo traz um recorte sobre o modo de construção da memória social em torno da luta de resistência traçada pelos humoristas gráficos no

âmbito da imprensa escrita, com destaque para a realidade que foi desenhada nos principais jornais em circulação na Paraíba na década de 1970. Antes de chegar ao cenário paraibano, entretanto, este estudo deteve-se numa breve abordagem acerca dessa realidade no âmbito da imprensa nacional, com foco na importante contribuição do trabalho desenvolvido por um dos cartunistas brasileiros que mais se destacou no cenário da luta da resistência contra a ditadura militar, Henfil, especialmente, por meio do icônico e influente semanário carioca, o Pasquim, o qual influenciou a formação de várias gerações de humoristas gráficos por todo o Brasil, dentre eles, os paraibanos.

Henfil e a memória humorística da ditadura militar brasileira

A valiosa contribuição dos desenhos satírico-humorísticos dentro da narrativa que ajudou a construir a memória da traumática experiência política e social da ditadura militar, é algo indiscutível e que se vê documentado em diversas edições de jornais, revistas e outros periódicos jornalísticos, bem como em várias obras e trabalhos de pesquisa científicas. Uma parte considerável desses registros faz menção ao trabalho do renomado cartunista, jornalista e escritor Henrique de Sousa Filhos, que se tornou mais conhecido nacionalmente pelo pseudônimo Henfil.

Dono de um traço marcante dentro da história do humor gráfico brasileiro, Henfil ficou reconhecido pela larga produção satírico-humorística por meio da qual tecia críticas políticas e sociais, e criava personagens que se tornaram icônicos na história do humor político brasileiro, retratando especialmente, os horrores do período da ditadura militar no Brasil, de forma inteligente. A valorosa contribuição de Henfil dentro da luta de resistência contra a ditadura militar está retratada na trajetória de pesquisa do professor e historiador Marcos Silva³. Em seu trabalho sobre a memória humorística da ditadura militar no Brasil, com ênfase no acervo humorístico do prestigiado cartunista mineiro, ele destaca a forma com que este se posicionou contra o regime ditatorial.

Ao analisar, de modo especial, as narrativas cômicas e aparentemente inocentes dos consagrados personagens ‘Cumprindo e Baixin’, ‘Graúna’, e ‘Zeferino’, Silva (2002, p. 342) destaca a sagacidade do cartunista ao descrever que: “[...] Henfil explorou um

³ Marcos Silva (1951/2024) foi professor da USP e autor de um amplo material acadêmico e literário sobre o humor gráfico tendo como foco, personagens caricaturais marcantes que retratavam humoristicamente o Brasil no século XX. Foi autor de vários livros com a temática relacionando história, humor, e política na imprensa brasileira, detendo-se nos últimos anos de sua vida, em estudos sobre a memória da ditadura.

conjunto de questões que, de forma explícita, sinaliza contextos ditatoriais, dentre elas a violência cotidiana, disputa por diferentes espaços sociais, papéis assumidos ou pretendidos pelos intelectuais, projetos do e para o povo.”.

Ao lado de Henfil, nesse mesmo período histórico, vale destacar, estavam cartunistas que ajudaram a escrever a história do humor gráfico brasileiro, a exemplo de Millôr, Ziraldo, Jaguar, Claudius, e Fortuna, os quais não apenas inovaram, mas também consolidaram a narrativa dos quadrinhos no país, rompendo com o modelo internacional mercadológico e abrindo espaço para trabalhos autorais voltados a temas políticos e sociais com o foco na realidade vivida no país. O estilo próprio desenvolvido por cada um desses cartunistas que, como costumava denominar Henfil, são cronistas do mundo, influenciou a formação de várias gerações de chargistas e quadrinistas que, espalhados por vários estados brasileiros, passaram a contribuir para a construção e preservação da memória humorística da trágica experiência que o Brasil viveu a partir do golpe de 1964.

Dentro desse contexto, assim como ocorreu em vários outros estados do país, a Paraíba foi cenário, nos anos 1970, do surgimento de algumas iniciativas no âmbito da imprensa tradicional e da imprensa alternativa, esta última liderada por jovens cartunistas aguerridos em início de carreira. E, mesmo que de forma restrita, e acanhada, se comparado ao que se via na grande mídia, a produção satírico-humorística desses repórteres gráficos se fez um importante instrumento de colaboração para a construção da memória da ditadura dentro da luta política e cultural que ocorreu também no Estado.

Os registros da memória humorística da ditadura militar na imprensa paraibana

O fenômeno de construção da memória humorística da ditadura brasileira no contexto da imprensa paraibana ocorreu de forma mais tardia se comparada ao que se via na denominada grande imprensa, situada no sudeste do país. De maneira similar ao que se viu no restante do país, os primeiros registros passaram a ocorrer a partir do início dos 1970, por meio de dois adventos que impulsionara o humor gráfico nos jornais diários no país: o enorme sucesso das revistas ilustradas que pouco a pouco conquistavam o mercado editorial brasileiro na virada dos séculos XIX/XX, e de outro, pelo advento da chegada das novas técnicas de impressão e reprodução gráfica que se expandia pelo Brasil e tomava conta da imprensa periódica a partir da metade do séc. XX, como esclarecem vários autores, a exemplo de Sodré (1999) e Saliba (2002). E, como destaca Arbach

(2007), é na qualidade de gênero jornalístico que o humor gráfico desempenha a sua missão social.

Em pesquisa realizada para fins de doutoramento, estudando o desenvolvimento do humor gráfico no âmbito da imprensa paraibana e, de maneira particular, o engajamento dos cartunistas na luta de resistência contra a ditadura militar, observou-se que os primeiros registros do processo de desenvolvimento da memória humorística desse acontecimento histórico, se deu de forma gradual abarcando o universo da imprensa tradicional, a imprensa alternativa e o campo das publicações independentes⁴. Respalado nesse panorama, este trabalho apresenta um recorte de alguns dos principais desenhos satírico-humorísticos extraídos de periódicos de cada um desses três segmentos, cuja narrativa gráfico-textual destaca a militância dos cartunistas na luta de resistência contra a ditadura militar e a maneira como esses ajudaram a materializar a memória da ditadura militar no âmbito da imprensa estadual.

A ditadura militar nos jornais tradicionais paraibanos sob o viés do humor

Pertencente a um dos maiores conglomerados de comunicação do país, os Diários Associados, o jornal de circulação estadual O Norte, foi o primeiro periódico da imprensa estadual a publicar desenhos de humor, os quais pouco a pouco passaram a ocupar um espaço de destaque nas suas edições. Embora sendo um veículo conservador e, assim como os demais veículos jornalísticos comerciais, submetidos à censura exercida pelo governo militar em todo o país, o jornal publicava diariamente desde o final dos anos 1960, um desenho humorístico que tinha como personagem fixo, Zé da Silva. Tratava-se de uma espécie de piada ilustrada de teor satírico-humorístico acerca do cotidiano social e político paraibano e que se situava esteticamente entre a charge e os quadrinhos⁵. Criado em 1968, pelo jornalista Cecílio Batista, o desenho foi baseado no personagem que circulava num dos jornais cariocas já extinto, o Zé Povo. Nesse sentido, pode-se afirmar que Cecílio Batista assinalava, na época, o início da formação da primeira geração de

⁴ Para melhor compreensão acerca dessa realidade, ver a tese de doutorado: *Rir para resistir: a luta contra a ditadura na imprensa paraibana (1979-1980)*, de autoria deste autor e citada na referência bibliográfica.

⁵ Embora não seja do interesse deste trabalho discutir os aspectos dos gêneros charge e quadrinhos, vale ressaltar que, conforme defendem alguns autores, dentre eles Ramos (2009) e Magalhães (2012), a narrativa e estética dos quadrinhos dialoga com a linguagem de outros tipos de ilustrações humorísticas a exemplo da charge e do cartum, razão pela qual provoca muitas vezes uma certa confusão ao se tentar identificar a que tipo de gênero o desenho cômico pertence.

cartunistas paraibanos, cujos traços revelavam grande influência dos humoristas gráficos reconhecidos nacionalmente.

Dono de um humor satírico, provocante e quase sempre sarcástico, o personagem tornou-se popular entre o público leitor do jornal e se caracterizava pelo uso de um chapéu, o qual era tirado da cabeça em sinal de aprovação de algo e colocado na cabeça em sinal de reprovação. No primeiro caso, o personagem aparecia sorridente e no outro, carrancudo, como sinal de desaprovação. Embora apresentasse costumeiramente nas suas narrativas gráfico-textuais, críticas sociais focadas nos principais problemas que afetavam os moradores da cidade de João Pessoa, Zé da Silva trazia, esporadicamente, de maneira subliminar, críticas políticas e, dentre elas, algumas que denunciavam as arbitrariedades cometidas pelo regime militar que ecoavam por todo o Brasil.

Dentre os problemas denunciados pelo personagem, estava aquele que era comum se ver na maioria dos desenhos satírico-humorísticos publicados na imprensa brasileira, o aumento do custo de vida exponencial, fruto do plano econômico e a gestão catastrófica dos governos militares na Presidência da República. Num dos desenhos (figura 1), publicados no ano de 1970, utilizando-se do sarcasmo que lhe era peculiar, Zé da Silva denunciou uma das estratégias construídas pelos militares para tentar amenizar o impacto negativo do sucessivo aumento do preços de alimentos e serviços comuns à época, ao fazer menção ao jogo da Seleção na Copa do Mundo. Sutilmente, o texto fazia referência indireta ao modo como o governo militar se apropriava de forma anestesiante da paixão dos brasileiros pelo futebol e, de modo particular do advento da Copa Mundial de Futebol para, por meio deste, impetrar medidas impopulares.

Em outro desenho (figura 2), publicado no mesmo ano, o personagem se valeu da eleição realizada para a escolha da nova presidência do Clube Cabo Branco, o mais tradicional clube social e esportivo da capital paraibana e, através desta, tecer uma crítica velada ao AI-2 que, dentre as várias medidas arbitrárias impetradas a partir de 1965, tornou indireta a eleição para Presidente da República. O texto utilizou-se do tom irônico ao dizer que “bem-aventurados os eleitores do “Cabo Branco” que vão matar amanhã as saudades do voto direto para presidente”, avaliando positivamente a votação e, deixando subentendida, a desaprovação popular pelo fim do voto direto.

Figura 1: desenho publicado no jornal *O Norte*, em 17 de junho de 1970.



Figura 2: desenho publicado em *O Norte*, em 02 de fevereiro de 1970.



Fonte: coleção de jornais antigos do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP)

Outro veículo da imprensa tradicional paraibana que abriu espaço para o humor gráfico em suas edições diárias e ajudou a construir a memória humorística da ditadura militar no Estado pelo viés humorístico, foi o *Jornal Correio da Paraíba*. Principal concorrente do jornal *O Norte*, e destacando-se como o segundo maior periódico da imprensa no Estado, o *Correio da Paraíba* se apresentou menos subserviente que o concorrente. Com o perfil jornalístico pouco mais combativo, o jornal introduziu a publicação de ilustrações satírico-humorísticas em suas edições diárias, a partir de 1975, reservando um espaço fixo para as charges que se consolidou como a principal e mais duradora das modalidades humorísticas presentes no veículo até o encerramento de suas atividades, em 2020, abrindo espaço posteriormente também para os quadrinhos.

Fundamentadas em críticas sociais e políticas, as charges publicadas no veículo durante a década de 1970 costumavam trazer à tona, problemas sociais decorrentes da gestão política autoritária, repressiva e economicamente excludente que caracterizava o governo militar. Temas como o alto custo de vida, a censura e a violência estavam sempre presentes nos discursos imagéticos construídos pelos chargistas que atuavam no *Correio da Paraíba*. As duas charges apresentadas neste trabalho trazem uma síntese do perfil de caráter contestatório. Ambas de autoria do chargista Richard Muniz que, assim como vários outros cartunistas paraibanos atuou tanto na imprensa tradicional, como na imprensa alternativa nos anos 1970, os desenhos apresentam o poder de síntese comum a

essa modalidade satírico-humorística muito presente na imprensa de todo o país.

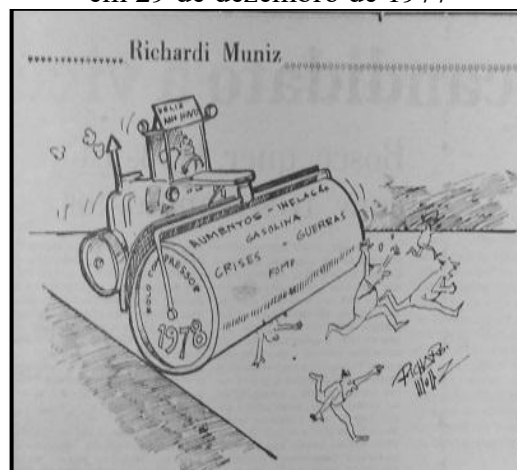
A primeira delas (figura 3) traz uma mensagem que sintetiza dois dos principais problemas causados pela política governamental dos militares que se revezaram no poder, o aumento da inflação nos preços da cesta básica do brasileiro e a forma truculenta como esses agiam nas ruas, especialmente, com aqueles que eram considerados uma ameaça ao regime. Na charge, um popular aparece encurralado por militares, contra a parede numa cena que faz referência metafórica ao ato de fuzilamento, afirmando que o seu último desejo era um prato de feijão. Na parte superior do desenho, o título “Feijão e o sonho”, reforça a metáfora da narrativa que traz como pano de fundo o alto preço desse que é até hoje, o principal alimento na mesa dos brasileiros.

O mesmo tom irônico se vê na charge seguinte (figura 4) em que o enunciado “Feliz ano novo” em referência ao ano de 1978, grafado na parte superior do trator que aparece no desenho, é contrastado com a imagem de um rolo compressor passando por cima de vários sujeitos e nele, vê-se estampado os nomes de alguns dos principais flagelos sociais que persistiam por toda a década de 70 e que se tornaram uma herança maldita da ditadura no Brasil, dentre eles: “Aumento”; “Inflação”; “Crises” e “Fome”. Uma realidade que, vale salientar, a ala dos militares e de parte dos conservadores brasileiros tentam apagar da memória coletiva, por meio do negacionismo histórico.

Figura 3: charge publicada no Correio da Paraíba em 12 de dezembro de 1975



Figura 4: charge publicada no Correio em 29 de dezembro de 1977



Fonte: Hemeroteca da Fundação Casa de José Américo (FCJA), em João Pessoa-PB.

O combate satírico ao regime ditatorial na imprensa alternativa paraibana

A exemplo do que ocorreu nos demais estados brasileiros nos anos 1970, a Paraíba valeu-se do humor satírico enquanto poderoso recurso combativo e ofereceu aos leitores, publicações alternativas paralelas aos jornais tradicionais por meio das quais era lançada uma releitura da dura realidade vivida no país durante o severo período da ditadura militar. A experiência desse tipo de imprensa alternativa no contexto paraibano, a qual se enquadra na modalidade descrita por Kucinski (2001) como jornais alternativos essencialmente jornalístico, só ocorreu a partir da década de 1970, e se restringiu a duas iniciativas específicas.

As duas únicas publicações alternativas focadas no jornalismo satírico que circulavam na capital do Estado e em algumas poucas cidades do interior, eram os jornais Edição Extra (1971) e O furo (1979). Respalgadas claramente naquele que se tornaria o ícone da imprensa alternativa brasileira, *O Pasquim*⁶, as publicações, formadas por pequenos grupos de amigos jornalistas, publicitários e estudantes universitários, apesar do curto período de existência restrita a alguns poucos meses, fizeram história no jornalismo alternativo paraibano, contribuindo para a consolidação da construção da memória humorística da ditadura militar no estado paraibano. Os jornais Edição Extra, e O Furo, atuaram bravamente como instrumentos de vozes dissonantes ao padrão de abordagem jornalística tradicional apresentado pelos jornais de grande circulação no Estado durante os anos 1970, sobretudo, ao investirem num estilo de linguagem e narrativa inaugurada pelo revolucionário semanário alternativo carioca, apostando na irreverência e no humor crítico e debochado como instrumento de contestação.

O primeiro deles, Edição Extra, foi lançado em 1971, fruto da articulação de artistas gráficos e jornalistas locais, especialmente do chargista Luzardo Alves e o humorista Anco Márcio. Além de tratar de política nacional com um tom de seriedade em suas edições, o jornal adotava uma linha editorial mais focada em temas de âmbito local e com ênfase na crítica de costumes, como era comum em boa parte dos pasquins da época, como forma de se contrapor, de um lado ao padrão clássico e sisudo da imprensa

⁶ É importante frisar que, para além dos dois casos de jornais alternativos de cunho satírico-humorísticos mencionados, a Paraíba foi cenário de outros tipos de publicações jornalísticas de cunho alternativo que se diferenciavam por serem predominantemente políticos e não usarem do humor satírico como recurso de combate ao regime ditatorial.

tradicional e, de outro, ao conservadorismo e forte moralismo propagado no país pelo regime militar.

Essa característica ficou evidenciada a partir do editorial de sua primeira edição (Edição Extra, 1971, n 1, p. 3), cujo texto de apresentação do jornal aos leitores relatava “[...] Imaginamos um jornal para consumo geral, num estilo ameno e enxuto, dosado de algum humor, sem deformar a informação, evidentemente” (Moura e Barreto, 2014, p. 263). O tom de irreverência e deboche aos costumes e conservadorismo da época se apresentou de forma acentuada nas páginas do periódico alternativo, através de um de seus principais personagens cômicos que era a Bat-Madame.

Criado pela dupla Anco Márcio e Luzardo Alves, o desenho apresentava uma versão debochada e afeminada de Batman, e satirizava vários assuntos e costumes do cotidiano do cenário paraibano, ironizando a própria imagem do super-herói que serviu de inspiração. Fruto do casamento entre a vertente teatral e bem humorada de Anco Márcio com o talento de Luzardo Alves no mundo das artes gráficas, a versão tresloucada do super herói conhecido internacionalmente, ironizava os melindres da sociedade paraibana ao provocar risos em torno de certos valores e comportamentos padronizados, especialmente, os relacionados a identidade de gêneros, já naquela época. Características estas que se veem no quadrinho (Figuras 5).

Figura 5 – Edição Extra, edição nº 8, pág. 08. Setembro de 1971



Fonte: Arquivo da Gibiteca Henfil - Fundação Espaço Cultural José Lins do Rego.

Na mesma linha editorial de o Edição Extra, o jornal O Furo, lançado no final dos anos 1970, trazia uma miscelânea de gêneros textuais, contemplando dentre esses, uma diversidade de modalidades de desenhos satírico-humorísticos, especialmente charges e quadrinhos, por meio dos quais, apresentava registros de acontecimentos e nuances marcantes da época. Contudo, diferentemente de seu antecessor, o novo porta-voz do jornalismo alternativo paraibano daquela época se apresentava mais ousado, politicamente provocador e de caráter mais subversivo, face, sobretudo, ao tempo em que foi lançado marcado pelo avanço da abertura política no país.

Esse perfil se via já a partir da própria composição gráfica das capas de suas edições, que englobava geralmente imagens com forte teor satírico e chamadas com títulos provocativos e, costumeiramente de duplo sentido. Para além de abrir espaço para vozes publicamente destoantes do governo militar, a exemplo dos então recém-chegados do exílio Gregório Bezerra e o político pernambucano Miguel Arraes, e nomes de líderes religiosos como os sacerdotes Dom Hélder Câmara e o Arcebispo Dom José Maria Pires, o jornal trazia em suas edições, publicações de desenhos com forte teor crítico e combativo à ditadura militar. Além do conteúdo interno, a última página do jornal era reservada exclusivamente para publicação de charges ou quadrinhos, o que dava ao periódico um teor combativo ainda mais forte. É o que pode ser averiguado nos desenhos a seguir. (Figuras 7 e 8)

Figura 6: Página com vários quadrinhos do personagem O Boquilha



Fonte: Jornal O Furo, edição nº 01, 01 de dezembro de 1979

Figura 7: charge publicada no jornal O Furo, em 23 de fevereiro de 1980



Fonte: Jornal O Furo, edição nº 04 (1980)

A primeira das ilustrações diz respeito a uma série de desenhos satírico-humorístico que ocupavam uma página inteira e teciam críticas à vida social e política do país, com ênfase na abertura política, à época muito criticada pela oposição. A página tinha como título “O Boquilha ataca”, em alusão a um personagem criado coletivamente por Alberto Arcela, Richard Muniz e Luzardo Alves. Essencialmente sarcástico e zombeteiro, Boquilha aparece em várias situações específicas. Num dos episódios ilustrativos, ele aparece tripudiando da figura austera dos militares e do Governo Figueiredo, que é identificado num dos desenhos por meio dos traços fisionômicos e do discurso proferido ao prometer estabelecer a democracia no país. Os demais desenhos faziam críticas a problemas diversos que marcaram a vida política e social do Brasil durante o período da ditadura, a exemplo dos sucessivos aumentos do preço da gasolina e à fragilidade da democracia brasileira.

Este mesmo tema se vê no desenho seguinte (figura 8), que traz a imagem de uma charge de autoria de Marcos Nicolau. Publicada na 4ª edição do jornal, a charge denunciava ao mesmo tempo em que tecia uma crítica à censura contra o trabalho dos humoristas gráficos que, vale ressaltar, era algo muito comum nas redações dos jornais de todo o Brasil, durante todo o período da ditadura militar. Revelando algo muito típico dessa modalidade satírico-humorística que é a carga de crítica incisiva, e valendo-se do espaço privilegiado para esse tipo de publicação na imprensa alternativa, a charge se valia de um fato específico para, de um lado chamar a atenção dos leitores para a ausência de

uma imprensa livre no estado, e de outro, questionar a democracia no Brasil. O desenho dialogava com um texto que vinha logo abaixo intitulado “Censura na imprensa”, em referência à retirada de uma tira de humor da personagem Maria, de autoria do quadrinista Henrique Magalhães, no jornal oficial A União, a qual havia sido sumariamente excluída do periódico sem nenhuma justificativa plausível. Salienta-se que a temática da censura foi um dos temas bastante recorrente nas publicações dos cartunistas paraibanos.

O registro da luta de resistência contra a ditadura na imprensa independente

Para além dos registros já mencionados que colaboraram significativamente para o processo de construção da memória humorística da ditadura militar brasileira no âmbito da imprensa tradicional e da imprensa alternativa paraibana, é importante salientar que esse fenômeno foi ainda mais fortalecido através de um outro segmento, o do mercado editorial de publicações independentes. Dentro deste segmento, o destaque ficou com a revista criada a partir de uma personagem já bastante conhecida do público leitor paraibano, cujas tiras haviam sido publicadas nos principais jornais tradicionais, assim como na imprensa alternativa, Maria.

De autoria do cartunista, roteirista e escritor Henrique Magalhães, a personagem foi criada em 1975, na mesma linha estilística de vários personagens de quadrinhos e tiras cômicas que nasceram na esteira do movimento de resistência cultural brasileiro e contexto de exceção que marcaram o país na segunda metade do século XX. Com um perfil subversivo, trazendo em seu discurso inicial, um grito de luta contra hegemônico e de forte apelo à liberdade de expressão, Maria foi pouco a pouco incorporando uma narrativa de combate à ditadura militar mais contundente, por meio de críticas à forte repressão e demais arbitrariedades típicas do regime e, através de sua postura liberal contestando o conservadorismo fortalecido pelos militares. Essa mudança ficou mais patente a partir da conquista de seu espaço próprio que foi a revista, a qual permanece em circulação até os dias atuais⁷.

Ao longo da década de 1970, e com uma trajetória que começou nos jornais diários, expandindo-se para suplementos e em seguida para fanzines, revistas até chegar a vários álbuns independentes, o amplo acervo de tiras humorísticas protagonizadas por

⁷ Para saber mais sobre a historiografia de Maria, que permanece em circulação no mercado editorial independente e online, ver o site: <https://www.marcadefantasia.com/maria.html>

Maria apresenta, sem dúvida, um dos mais significativos registros da memória humorística da ditadura militar brasileira, se considerada a imensa quantidade de episódios quadrinísticos sobre essa realidade retratados ao longo dos anos. Nos desenhos (figuras 8, 9, 10 e 11), a seguir, vê-se alguns desses registros que relembram, ao mesmo tempo que reforçam a luta pelo não apagamento da memória do que foi a traumática experiência política e social do regime político militar vivido no Brasil num passado não muito distante.

Figura 8: capa da 1ª edição da revista Maria



Fonte: revista Maria, Ano 1, nº 1, maio de 1978

Figura 9: Tira de Maria



Figura 10: Capa da 2ª edição da revista Maria



Fonte: revista Maria, ano 2, nº 2, agosto de 1979

Figura 11: Tira de Maria



A exemplo de várias outras tiras publicadas nas diversas edições da revista ao longo dos anos de 1970 e 1980, a personagem central aparecia de forma valente e ousada, contestando as diversas formas de repressão e de violência impetradas pelos militares que, como se pode ver nos desenhos, são representados claramente pelos fardamentos. As tiras deixam vir à tona o processo tumultuado de virada de décadas (1979/1980) marcado por um forte clima de enfrentamento de forças caracterizado, sobretudo, pela reação popular

frente aos desmandos e arbitrariedades do governo militar. Algo visto, na época, sobretudo, através do enfrentamento de vários grupos da sociedade civil organizada, dentre os quais estavam o novo sindicalismo, a organização de associações de bairro e os movimentos sociais diversos que lutavam contra a carestia, a censura e por moradia, anistia política, liberdade de expressão e o retorno à democracia, fortemente incorporado pela campanha das Direta já.

Considerações finais

Muito mais que um campo de propriedades psíquicas responsável pelas atualizações que fazemos de nossas impressões ou informações passadas, de modo aleatório, a memória representa um campo de disputa de narrativas político-ideológicas em torno da compreensão e construção social e cultural das experiências vividas individualmente e coletivamente. Dentro dessa perspectiva, não se pode ignorar o potencial da linguagem do humor gráfico enquanto síntese visual e documental da vida social, a qual se encontra, por sua vez, ancorada neste que é um campo de disputa de narrativa constante, e por excelência, que é a imprensa.

Respaldado nessa compreensão, e focado numa análise histórica e crítica em torno do trabalho de construção da memória humorística da ditadura militar brasileira (1964-1985) desenvolvido no âmbito da imprensa paraibana, este trabalho buscou evidenciar a importância de estudos voltados à relação existente entre memória, resistência e humor, entendendo a memória humorística enquanto fenômeno que não apenas refere-se à capacidade bem humorada de recordar e valorizar eventos marcantes da vida social. Ao se debruçar sobre o trabalho dos cartunistas paraibanos nos três segmentos da imprensa no Estado, este estudo procurou realçar o poder do uso da narrativa da sátira gráfica associada à praxe jornalística, enquanto valioso instrumento de (re)construção e validade da memória humorística sobre um trauma político que permanece submerso no inconsciente coletivo.

Este estudo destaca, por outro lado, uma parte importante da memória da história do humor gráfico na Paraíba, realçando ao mesmo tempo, nuances que contribuem para uma melhor compreensão em torno do trabalho de militância dos cartunistas no âmbito nacional e regional, dentro da luta de resistência contra a ditadura militar brasileira. Trabalho este que, para além do viés da livre criação artística está associado, conforme

destaca Bosi (2002) à percepção e a memória, bem como a incorporação da arte na disputa da narratividade político-ideológica. Por fim, o estudo evidencia a importância de reflexões em torno do seu tema central, destacando o caráter político que acompanha a memória e o ato de se recordar do passado, uma vez que, como nos adverte Sarlo (2007, p. 60): “[...] o passado recordado está perto demais e, por isso, ainda desempenha funções políticas fortes no presente”.

Referências

ARBACH, Jorge Mtanious Iskandar. **O fato gráfico: o humor gráfico como gênero jornalístico**. Tese de doutorado (Universidade de São Paulo – Escola de Comunicação e Artes ECA), 2007. 246 f.

BRITO, Rosildo Raimundo de. **Rir para resistir: a luta contra a ditadura na imprensa paraibana (1970-1980)**. 2020. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão [et al.]. -Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. 2. Ed. São Paulo:Edusp, 2001.

MAGALHÃES, Henrique. **Uma história dos quadrinhos paraibanos**. Rev. 9ª Arte. V. 1, n.1. São Paulo: 2012. Disponível em <<http://www.memorialhqp.org/personagens/flama/flama.html>>

Acesso em 29.jul.2026.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. Coleção Linguagem & Ensino. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Marcos. **Rir por último: Henfil, a ditadura militar e os contextos**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 24, 2002. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10625>. Acesso em: 9 jul. 2026

SILVA, M. **O historiador, o ensino de história e seu tempo** (Notas sobre a problemática da Ditadura no Brasil – 1964/1985). Londrina: Antíteses, vol. 2, n. 3, jan.- jun. de 2009, pp. 23-36.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed, Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

